

UM AMOR QUE TINHA DE SER

Tinham enfrentado grandes dificuldades. Conseguiria a sua paixão agüentar mais outra tragédia?

SUZANNE CHAZIN



NUMA FRIA manhã de dezembro, em 1992, a campainha da porta principal soou na Ken Rosenblat Electric, uma loja modesta do Brooklyn, em Nova York. No escritório, Ken e o seu pai, Herman, preparavam-se para fazer o balanço da semana. «Alguém veio mais cedo», comentou Herman, olhando para o relógio de parede. Eram 7.40, e os pouco mais de dez empregados da firma só entravam às 8.

«Vou lá ver», disse Ken, de 32 anos, homem de forte compleição e bar-

ba arruivada. E lá se foi, por entre caixas de interruptores e fios eléctricos fora de ordem. Ao abrir a porta de aço, viu um jovem desconhecido, irrequieto com o frio e de mãos nos bolsos, que olhava nervosamente para um carro, do qual punha o motor para trabalhar naquele instante. Nessa fração de segundo, Ken Rosenblat percebeu o que ia acontecer. Tentou fechar a porta, mas era tarde: o jovem empurrou-o para dentro, encostando-lhe um cano de aço frio à têmpora: «É um assalto!»

Ken agarrou a arma dele e pregou-o contra a parede. Surpreendido pela resistência, o assaltante se deteve por uns instantes, mas quando Ken baixou a guarda, conseguiu recuperá-la, e empurrou-o em direção ao escritório.

O som da luta despertara a atenção de Herman, sentado à secretária. Através da porta de vidro do escritório, ele viu um homem com uma arma empurrando seu filho. Sentiu o pânico invadi-lo de um modo nunca mais sentido desde a infância, na Polônia.

«Não temos dinheiro na loja», disse Herman para o intruso. «Por favor, vá embora.»

Furioso, o rapaz apontou para o lado e disparou em Ken, que sentiu uma dor trespassar-lhe o corpo, seguida por uma sensação de dormência e suor. Suas pernas fraquejaram e ele caiu ao chão. «O que irá acontecer à Joanie e ao Michael?», perguntou-se, pensando na mulher e no filho de 6 meses.

Logo, mais dois tiros soaram, e Herman sentiu o estômago arder, caindo de bruços sobre a secretária. Depois, o assaltante desviou-o para o lado, apanhou a caixa do dinheiro e desapareceu.

Rastejando até o telefone, Herman ligou para o serviço de emergência. «Eu e meu filho acabamos de ser baleados por um homem», comunicou. Enquanto falava, sentia o sangue jorrar, morno, da barriga, mas o que mais o impressionou foi ver o corpo do filho, de 1,90 m, caído no chão, imóvel. «Como vou

contar isto a Roma?», pensou. «Terei sobrevivido a tanta coisa para acabar assim?»

AO SER colocado numa maca, ele se sentiu regressar a outra época de pesadelo. Estava-se em outubro de 1942. Tinha 13 anos e vivia no gueto judeu de Piotrków, na Polônia. Seu pai morrera de febre tifóide oito meses antes e havia rumores de que os nazistas pretendiam transferir os habitantes do gueto para um campo de concentração chamado Treblinka. Todos em Piotrków sabiam que Treblinka significava fornos enegrecidos pela fumaça e morte certa.

Numa manhã cinzenta, os alemães irromperam pelo gueto, ordenando que todo mundo se apresentasse na praça do mercado. Ali, formaram-se duas filas: uma destinada a Treblinka e outra aos campos de trabalho de Piotrków. Herman e seus três irmãos foram encaminhados para a fila dos campos de trabalho e a mãe para a outra.

Correndo para ela, Herman abraçou-a. Se ela ia para Treblinka, então também ele iria. Buscou nela um olhar de aprovação, mas, em vez disso, ela virou-lhe o rosto, dizendo, numa voz tão rouca e calma que ele mal a conseguiu reconhecer: «Vá-se embora.» Os olhos dela vertiam uma torrente de lágrimas. «Já não quero você; não serve para nada.»

Herman ficou petrificado, sem poder acreditar. Seu corpo, doendo como se tivesse sido açoitado, caiu nos braços dos irmãos, que o levaram para seu campo. Quando ele

se virou para trás, a fila destinada a Treblinka já havia desaparecido. Nunca mais veria a mãe.

Perdendo e recuperando a consciência repetidamente, via médicos dobrados sobre ele. «Meu filho. Onde está meu filho?», perguntou.

«Está sob observação», respondeu um dos médicos. «Quanto ao senhor, vamos prepará-lo para uma cirurgia.»

Pouco depois de Herman ser transportado para a sala de operações, sua mulher, Roma, de 60 anos, chegou ao hospital. Também ela era uma judia polonesa que perdera a família no Holocausto. Ao lado do marido, enfrentara igualmente muitas dificuldades durante os 34 anos de seu casamento. Houve uma época em que os dois tinham trabalhado em turnos opostos (ela à noite, como enfermeira, e ele de dia, como electricista). Haviam passado juntos pela falência de um negócio, pela doença cardíaca de Roma e pela flebite de Herman. E agora isso.

Roma foi levada para a sala de reanimação por uma enfermeira. Herman ainda estava atordoado, mas só o vê-lo vivo fez Roma senti o coração disparar. Colocando sua mão na dele, sentiu um aperto quente e firme. Ele estava com ela novamente, e era isso que importava.

O espírito de Herman divagou novamente pelo passado, desta vez para fevereiro de 1944. Contava 14 anos e encontrava-se prisioneiro num campo de concentração alemão chamado Schlieben, a cerca de 100 km a sul de Berlim. Seu corpo esque-

lético tremia, parecendo-lhe que a morte pela fome estaria próxima.

Certa manhã, envergando apenas o uniforme listrado da prisão, muito fino, e com os dedos dos pés envolvidos em trapos, olhou através do arame farpado para os terrenos cobertos de neve. De repente, viu uma menina polonesa de cerca de 11 ou 12 anos, com um chapéu e um casaco de lã espessa e uma botas de couro vários números acima do seu.

Atordoado pela fome, contemplou-a fixamente durante muito tempo. Mas, em vez de escarnecer dele, como tantas outras faziam, ela se aproximou, falando-lhe com uma brandura que ele não conhecia desde que o tinham separado da mãe. «Não se preocupe», disse ela. «Em breve você será libertado.» Levou então a mão ao interior do casaco e tirou uma maçã e um pedaço de pão cozido há pouco. «Tome», ofereceu, atirando-os por cima da cerca.

O rapaz olhou em redor. Os guardas italianos temporariamente encarregados do campo não eram tão rígidos em sua vigia como os alemães. Pegando os alimentos, Herman escondeu-os na camisa. «Amanhã eu trago mais», prometeu ela.

O jovem não esperava que a menina voltasse, mas no dia seguinte lá estava ela com mais pão e maçãs. Todos os dias, durante sete meses — até ele ser transferido para o campo de concentração de Theresienstadt, na Tchecoslováquia —, a pequena polonesa apareceu para lhe trazer comida. Suas mãos fizeram um milagre: trouxeram-lhe a vida.

«A OPERAÇÃO do seu marido correu bem», disse o médico a Roma.

«E meu filho?», perguntou a mulher.

«Parece que vai conseguir sobreviver», continuou ele. «Mas a bala atingiu sua medula espinhal. É provável que nunca mais consiga andar.»

Caindô numa cadeira, Roma irrompeu em pranto. As palavras do médico confirmaram seu mais terrível receio: ela amaria sempre seu filho, mas e sua nora?

Desde a primeira vez que vira Joanie, Roma duvidara que ela fosse a companheira certa para seu Kenny. Em sua perspectiva, ela era mais «americana» que as judias tradicionais. Joanie era uma mulher moderna e independente, que não hesitava em dizer o que era preciso. Já vivera sozinha e tivera outros namorados.

A nora também apreciava a capacidade de Ken de fazer dinheiro. Na viagem de lua-de-mel, os dois haviam feito uma viagem pela Europa, o que, para um casal frugal como Roma e Herman, parecera uma forma extravagante de se iniciar um casamento. Roma e Joanie tinham mantido sempre uma relação de cordialidade, mas nenhuma das duas fora capaz de demonstrar afeição pela outra.

Tais dúvidas a incomodavam, apesar de ver que Ken estava profundamente apaixonado. Joanie agora falava muito em comprar uma casa, mas, dada a nova situação, isso iria ser provavelmente impossível. E Ro-

ma se perguntava se o amor deles seria suficientemente forte para sobreviver a sonhos irrealizados.

Quando Herman começou a recuperar a consciência, Roma acariciou-lhe a testa. «Não vou pensar agora nessas coisas», prometeu-se. Então, Herman fez a pergunta que dominara seu espírito desde o momento do ataque. «E o Kenny?», murmurou. «Como estão as pernas dele?»

Contendo as lágrimas, Roma engoliu em seco. As más notícias podiam esperar. «As pernas estão bem», mentiu. «Mas agora você precisa descansar.»

Ao sair do quarto do marido, viu Joanie caminhando apressada pelo corredor. Buscando nos olhos da nora algum sinal de que suas dúvidas eram infundadas, apenas viu neles seu próprio receio e apreensão. «Vamos pôr o Ken bom de novo», disse-lhe Roma.

Com um ar distante, ela assentiu. Que podia dizer? Era enfermeira. Os médicos tinham-lhe dito que Ken se encontrava paralisado da cintura para baixo. Uma parte de suas vidas morrera com aquela bala: nunca mais haveria praia, nem viagens de campismo. Michael jamais poderia jogar futebol americano com o pai, e o segundo filho com que ela sonhara poderia agora ser algo de impossível do ponto de vista médico. Além disso, sem os rendimentos de Ken, Joanie teria de voltar a trabalhar para ajudar a sustentar a família. Não podia ignorar tudo isso.

Roma limpou as lágrimas com um lenço. «Não conte nada ao Kenny

ou ao Herman a respeito da paralisia», pediu.

Surpresa, Joanie pestanejou. «Não direi a Herman, se é o que a senhora deseja» prometeu, «mas jamais minto ao Ken.»

Roma levou as mãos ao rosto. «Como pode ela ser tão cruel?», perguntou-se. Então, um pensamento ainda mais terrível assaltou-a: «Ela vai deixá-lo. É por isso que lhe vai dizer a verdade: para prepará-lo para sua partida.»

Joanie compreendeu que Roma duvidava dela, mas, mesmo assim, sabia o que Ken queria. «Meus pais sempre tentam me proteger, o que, em vista daquilo por que passaram, não se compreende», dissera-lhe ele certa vez, num momento difícil durante o namoro. «Mas de você, Joanie, quero sempre a verdade.»

Nessa noite, Roma não conseguiu dormir. Cada vez que adormecia, tinha pesadelos com seu filho sozinho, sem a mulher que ele adorava e o filho que trouxera ao mundo.

EM JULHO de 1957, em Nova York, ela concordara em sair com um desconhecido, num encontro combinado por uma amiga, Sylvia, que conhecera na sinagoga local. Sylvia e o namorado, Sid, iam a Coney Island e convidaram Roma e um amigo de Sid, Herman, para se juntarem a eles.

Aos poucos, começaram a falar a respeito de suas experiências passadas. Quando Herman lhe disse que estivera em campos de concentração, Roma estremeceu, pensando no único que vira. «Havia um rapaz»,

relatou ela suavemente, surpresa por esta recordação, ao fim de tantos anos, ainda perdurar, «que estava no campo próximo dos terrenos onde trabalhávamos. Eu costumava atirar-lhe pão e maçãs por cima da cerca.»

Herman se aproximou dela franzindo as sobrancelhas, como se não acreditasse no que ouvia. «Qual era o nome do campo?», perguntou.

«Não me lembro. Era na Alemanha, perto de Berlim. Meu pai tinha comprado passaportes falsos para toda a família, nos quais éramos dados como cristãos.»

Os olhos castanhos faiscantes do jovem tornaram-se cortantes e graves. «Você deu de comer a ele *uma* vez?», perguntou. Roma sentiu-se nervosa. Quem era este doido que a submetia a um interrogatório assim?

«Dei-lhe de comer durante *sete* meses. Depois, ele desapareceu. Reccei pelo pior.»

«É os guardas?», prosseguiu Herman. «Eram alemães?»

«Os guardas usavam um uniforme diferente», respondeu Roma por fim.

Ao ouvir estas palavras, Herman sentiu um nó desfazer-se dentro de si, nó que se viera tornando cada vez mais apertado desde aquele dia na praça de Piotrków. Com delicadeza, estendeu a mão, tocando na da moça. Tinha os olhos castanhos cobertos de lágrimas. «Os soldados que você viu eram italianos», disse devagar. «Sei disso porque aquele rapaz era eu.»

Sacudindo a cabeça, incrédula, Roma olhou-o nos olhos com aque-

le espanto com que uma pessoa cega sentiria ao vislumbrar um raio de luz pela primeira vez. Foi nesse instante que soube que os anjos a tinham escolhido para ele.

NO TERCEIRO dia após o assalto, ela estava sentada à cabeceira do marido, mas não lhe contou o que acontecera com o Ken. Em vez disso, ajudou-lhe o travesseiro, dizendo-lhe que a recuperação estava próxima. Herman sorriu, contente por ter sua mulher ali a seu lado.

Mais tarde, Roma foi até o quarto do filho e sentou-se numa cadeira. Joanie estava de pé junto à cama, tirando sua coberta para, cuidadosamente, mudá-lo de posição na cama. Ele estava encharcado de suor, e Joanie pegou um pano aquecido e começou a limpá-lo.

A jovem trabalhava em silêncio, segurando de vez em quando a mão do marido para lhe transmitir segurança. Atordoado pelo efeito dos analgésicos, Ken pouco mais podia que balbuciar respostas curtas, mas o que mais impressionou Roma foi a total confiança que ele depositava nela, caindo em seus braços com a vontade de um bebê. As mãos de Joanie davam-lhe vida, tal como as suas o tinham feito no passado por Herman.

Em certo momento, quando Joa-

nie se dobrou para a frente, Roma reparou em algo dourado que pendia de um fio que a jovem tinha ao pescoço.

«O que é isso em seu fio?», perguntou.

«A aliança do Ken», respondeu Joanie. «As enfermeiras me disseram que podiam roubá-la e eu a quero próxima de mim. Assim, terei sempre algo dele comigo, até que ele a possa usar de novo.»

Então, Joanie foi para perto da sogra e pôs-lhe a mão sobre o braço. «Quero que a senhora saiba que não me casei com as pernas do Ken. Casei-me com ele. Amo-o e vou tomar-lhe conta. Sempre!»

Ao ouvir essas palavras, Roma fechou os olhos e caiu nos braços da nora. Nos últimos dias, rezara a Deus para que fizesse de seu filho novamente um homem completo, sem compreender que ele já o era, graças ao amor de Joanie.

Segundo a lenda, existe uma razão para os anjos destinarem um menino para determinada menina — a mesma que faz que Deus dê ao homem dois olhos, duas orelhas e duas mãos: para que possam funcionar como uma coisa só. Roma sabia agora que os anjos não tinham falhado ao unirem seu filho a Joanie. Tinha feito seu trabalho, tal como acontecera com ela e Herman.

FOTO: ROBERT MILAZZO

NA DESGRAÇA, pode dar-nos vontade de rir. Ao rirmos, nosso ricto facial é semelhante ao que fazemos quando choramos. A mágica é a mesma, inseparável.

— Dennis Potter